



## **ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E CONTRIBUIÇÕES DA OBRA DE SAVIANI PARA O ENSINO**

Francisco de Assis Marinho Morais\*

Rummening Marinho dos Santos\*\*

Edinária Marinho da Costa\*\*\*

Simone Cabral Marinho dos Santos\*\*\*\*

*\* Professor da Rede Pública Municipal no Município de Apodi - RN e Estadual do estado do Rio Grande do Norte. Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM). Pesquisador na área das Escolas do Campo, público ao qual trabalha desde 1996.  
E-mail: [cizinhomparn@hotmail.com](mailto:cizinhomparn@hotmail.com)*

*\*\* Professor de Educação Física da rede estadual de ensino. Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE/CAMEAM/UERN, E-mail: [rummening.marinho@gmail.com](mailto:rummening.marinho@gmail.com)*

*\*\*\* Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; FACULDADE EVOLUÇÃO; Pau dos Ferros/RN.  
E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com)*

*\*\*\*\* Professora da UERN/ Pau dos Ferros. Doutora em Ciências Sociais. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), área de concentração: Educação Básica, linha de pesquisa: Ensino de ciências humanas e sociais.  
E-mail: [simone.cms@hotmail.com](mailto:simone.cms@hotmail.com)*

### **RESUMO**

Abordamos questões, discussões e reflexões referentes à epistemologia e ao ensino, embasando-se nas teorias de Dermeval Saviani (1999, 2005), ao tratar da Pedagogia Histórico-Crítica, bem como da Escola e Democracia. Objetivamos explicitar os ideais de sua obra como uma política de ensino transformador, que desperta para a criticidade e formação integral do educando. Aponta elementos teórico-metodológicos, aos quais devemos adquirir enquanto profissionais do ensino, no intuito de fornecer à prática docente novas metodologias e ou abordagens instigantes, significativas e problematizadoras, que trazem à tona as questões sociais, do cotidiano dos alunos. Embasamos-nos na pesquisa bibliográfica para trazermos os argumentos na construção deste. Explicitamos ainda, de forma sucinta, o método de trabalho da Pedagogia Histórico-Crítica passo a passo. Não é nossa pretensão esgotar as discussões, reflexões, apontamentos, mas trazer ao debate a importância dessa Pedagogia para o ensino contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia, Criticidade, Metodologias, Ensino contemporâneo.

### **INTRODUÇÃO**

Como tema pouco discutido e teorizado no meio educacional vigente, o ensino necessita tomar rumos à busca de um

sistema educacional comum brasileiro em todos os níveis da escolaridade. A crise é visível, os resultados são ínfimos e insatisfatórios, os índices avaliados pelos diversos sistemas de avaliação dos governos



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

são vergonhosos. Diante desse quadro não há como ficar numa zona de conforto, mas buscar cotidiana e rotineiramente, algumas discussões, teorias, meios, enfim, fazer algo para que possamos transformar a educação, dando a qualidade ensejada por todos que preconiza nossa LDB nº 9.394/96.

Assim, os escritos de Saviani, presente e atual ao contexto educacional nos remete a uma nova prática, a um modelo consistente de ensino, visando refletir, discutir, para transformar a realidade que está posta, como um dos requisitos necessários à nossa educação: formar cidadãos críticos, conscientes, atuantes no contexto em que se insere.

Saviani apresenta suas concepções sobre a sua pedagogia esclarecendo que a compreensão significativa do livro exige a leitura prévia de outra obra também de sua autoria intitulada “Escola e Democracia”, que segundo ele, pode ser considerada uma introdução preliminar à pedagogia histórico-crítica.

Para reforçar essa afirmação, apresenta uma síntese das principais teorias da educação, abrangendo as teorias não críticas e as teorias crítico-reprodutivistas. Este livro tem um caráter preparatório para a pedagogia histórico-crítica, ao fazer uma apreciação radical da pedagogia liberal burguesa, expondo os pressupostos filosóficos, a

proposta pedagógico-metodológica e o significado político da pedagogia histórico-crítica em que procura caracterizar, no confronto com a prática política, a especificidade da prática educativa.

Com relação à questão do saber, Saviani expõe resumidamente como se dá a produção do saber pelo homem que coincide com a produção não material que possibilita ao homem a produção de diversos tipos de saberes que são necessários à sua formação como homem. Para o autor, o homem não nasce sabendo ser homem, porém, é preciso aprender a ser, e essa ação de aprender a ser homem de aprender a pensar, agir, sentir e avaliar é próprio do ato educativo.

No contexto atual, a produção do saber é responsabilidade da escola, cabendo a ela direcionar essa produção de maneira que possibilite a todos a produção de um saber objetivo que pode ser definido como o saber metódico, sistemático, científico, elaborado que foi acumulado pelos seres humanos no decorrer do tempo.

## **METODOLOGIA**

Para a construção deste, aportamos aos textos de Saviani (1999, 2005), apresentando uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa para a construção desses escritos e reflexões, Entretanto, para uma melhor compreensão dessa produção, após o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

embasamento em discussões e no referencial teórico da Disciplina Epistemologia e Ensino: implicações para a educação básica subdivide-se o artigo em três partes, a saber: A primeira, versa sobre a epistemologia e o ensino, bem como sua etimologia, sua importância, e subjetivações presentes na educação. Na segunda parte, busca-se descrever concretamente as ideias de forma sucinta, da obra de Dermeval Saviani referentes à Pedagogia Histórico-crítica. E finalmente, a terceira destaca as contribuições que este teórico traz ao ensino, à educação e aos professores que buscam a cada dia através da ação-reflexão-ação, melhorar sua prática, além de nortear para a visão de um ensino reflexivo e transformador.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1 - Epistemologia e Ensino: Pressupostos e reflexões.

Criado recentemente no âmbito educacional no vocabulário filosófico, somente no século XIX, o que significa o termo epistemologia? *Episteme* = ciência, conhecimento teórico, reflexão, *Logos* = estudo, discurso. Assim, refere-se a um “estudo sobre a ciência tomada como sinônimo do conhecimento. É, portanto, uma teoria do conhecimento” (DALAROSA, 2008, p. 344). Na concepção de Araújo (2012)

destaca que é “[...] estudo crítico dos princípios, das hipóteses e da produção de conhecimento das diversas ciências, enfocando sua estrutura cognitiva, valor e objetivos do saber científico, suas características, suas delimitações, bem como os processos metodológicos de cada área”.

Nesse sentido, é mister destacar que o papel da epistemologia, que toma os fatos como ideias, é estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos, os conhecimentos válidos de que tratam os pesquisadores. O ponto de partida para o estudo de o conhecimento dar-se com Platão ao elaborar as três formas de conhecer: *doxa*, *sofia* e *episteme*. Para Platão o *doxa* referia-se ao conhecimento empírico, opinativo, sensitivo. Já o termo *sofia* consiste no conhecimento acumulado, na sabedoria. E o termo *episteme* considera-se o conhecimento sistemático, reflexivo, analítico. Assim, conclui Dalarosa:

[...] podemos perceber que a epistemologia, como estudo da ciência, consiste em um estudo meta-científico. Vale dizer, busca a explicação dos fundamentos, dos princípios e dos métodos da ciência. A epistemologia tem como objeto de estudo o conhecimento científico e não as particularidades estudadas pela própria ciência (2008, p. 35).

Percorrendo o historicização do termo, podemos destacar que não há epistemologia, mas epistemologias, pois ao longo da história



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

as explicações científicas que ora concordam, ora discordam e/ou refutam o conhecimento estabelecido embasam-se em epistemologias, a saber: A metafísica, o positivismo, a fenomenologia e o Materialismo histórico-dialético<sup>1</sup>. Nesse sentido, cada período educacional brasileiro que perpassamos ao longo da história embasa epistemologicamente o ensino, com suas definições, características, reflexões aos quais veem o homem e a sociedade como fundamentos para o ensino vigente.

Falar de ensino não é tarefa simples, pela complexidade e/ou ambiguidade de seus significados. Antes de estudar o termo deve-se questionar: O que é ensinar? O que caracteriza o ensino como atividade da educação escolar? Além de saber o objeto a ser ensinado, que outros elementos são necessários para o desempenho dessa atividade? Para que se ensina? A favor de quem? Com qual finalidade? Assim, o ensino tem uma relação com determinantes sociais, podendo ser um meio para transformação. Para Luckesi (1998, p. 133), “[...] ensinar significa criar condições para que o educando efetivamente entenda aquilo que se está querendo que ele aprenda”. Para que a aprendizagem se efetue, os conteúdos necessitam ser compreendidos e internalizados.

---

<sup>1</sup> Aprofundar-se mais em DALAROSA, 2008.

O ensino está presente nas práticas de muitos profissionais que se utilizam de seus conhecimentos, daquilo que sabe e que de alguma forma, repassa-os, constrói, troca informações com alguém ao seu entorno que necessita desses conhecimentos. O ensino também cumpre objetivo e exigências da sociedade, conforme interesses de grupos e classes, mas cria condições metodológicas e organizativas para a construção dos conhecimentos e desenvolvimento das capacidades intelectuais tendo em vista o entendimento crítico dos problemas sociais e o desenvolvimento de postura perante eles.

Assim, está presente em variados ambientes, nos grupos sociais, nas famílias, sem obrigatoriamente estar nas escolas. Ensinar aos filhos algum ofício, aspectos básicos de uma profissão, as primeiras letras, eram preocupações básicas quando este espaço por excelência de ensino aprendizagem não existia: a escola. Nessa realidade, os pais que tinham condições de pagar alguém para dar as primeiras instruções, ensinar as primeiras letras e as operações básicas de matemática, conseguiam trazer para suas famílias alguém com essas habilidades para o ensino das suas crianças.

Quem podia pagar, também tinha acesso às melhores Universidades estrangeiras, indo estudar fora do país. Durante muito tempo, foram feitos dessa



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

forma, antes da instituição da escolarização para todos e democratização do ensino. Os estudiosos, organizações, movimentos sociais, viram a necessidade de ensino e instrução para todos, para que pudessem desenvolver melhor as condições sociais do povo. Nesse sentido, parafraseando Libâneo (1994 p. 22-23).

O ensino corresponde a ações, meios e condições para a realização da instrução; contém, pois, a instrução. A instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. A instrução, mediante o ensino, tem resultados formativos quando converge para o objetivo educativo.

Ainda acrescenta o autor que “O objetivo educativo não é resultado natural do ensino, devendo-se supor por parte do educador um propósito intencional e explícito de orientar a instrução e o ensino para objetivos educacionais” (idem). Entretanto, o ensino é o principal meio e fator da educação, pois, quando mencionamos o termo educação escola, estamos nos referindo, portanto, ao ensino.

Como disciplina que norteia epistemologicamente os professores em relação ao ensino, temos entre outras, a Didática, que tem como objeto de estudo especificamente, o processo de ensino: Os

conteúdos e programas dos livros didáticos, os métodos, e formas organizativas do ensino, as atividades do professor e dos alunos e as diretrizes que regulam e orientam todo processo de ensino.

Com o avanço do conhecimento pós-revolução industrial, houve a necessidade de expansão do ensino, para a qualificação de mão-de-obra carente do sistema industrial vigente. Entretanto, há movimentos e lutas buscando o acesso à escolarização, a escola para todos, através da sonhada democratização do ensino<sup>2</sup>. Foram debates, embates, discussões, momentos travados por educadores, pensadores, teóricos da educação, preocupados em democratizar o acesso ao ensino, até então, privilégios das elites brasileiras.

Com a criação escolar, o ensino passa a ser institucionalizado com tendências pedagógicas<sup>3</sup> que os orientam, aspectos sociais, culturais, econômicos, filosóficos que passam a regê-los e/ou orientá-los, em determinados contextos na história educacional brasileira. Estudiosos e teóricos produzem orientações acerca do ensino, do papel do professor, dos conteúdos a serem trabalhados, da avaliação a ser executada, sempre em cada realidade e/ou momento da

---

<sup>2</sup> Para aprofundar a discussão Ver Capítulo II: Didática e democratização do Ensino, Libâneo (1994 p. 33-48).

<sup>3</sup> Ver mais em Libâneo: Democratização da escola pública. A pedagogia crítico social dos conteúdos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

história, embasada em pressupostos teóricos para que o ensino se efetive nas escolas.

No entanto, dependendo de qual teoria seguir, de qual linha histórico-filosófica adotar faz-se necessário uma reflexão. Ensinar e aprender são tarefa primordial aos quais não se devem furtar os profissionais da educação, principalmente os professores. Em qualquer nível de ensino que estejam, seja do Ensino Infantil ao Ensino Universitário, os professores forjam uma prática que os orienta, embasados em teóricos, em estudos, ou ainda que não tenham consciência do que adquirem em formações. A tarefa de ensino exige dos profissionais professores vasto aprofundamento teórico metodológico atrelado acima de tudo à vontade de saber e querer fazer na prática o adquirido em teoria nos bancos universitários.

Temos grandes profissionais que ensinam com resultados significativos mesmo sem uma vasta formação teórica, enquanto que outros com um leque de possibilidades, mas se veem atrelados ao burocrático, às normas antigas da sociedade vigente que aprendeu ao longo de sua formação acadêmica e escolar, não sinalizando na prática bons rendimentos ao ensino.

Na atual sociedade do conhecimento, onde as informações são disseminadas de forma avassaladora, torna-se inconcebível um ensino onde o professor fala, o aluno escuta<sup>4</sup>,

o ensino tradicional perde espaço para o ensino inovador, criativo, construtivo, onde os professores devem ter um novo perfil, um perfil de pesquisador, de coordenador das atividades, de constante instigador das crianças e/ou dos alunos, seu público alvo.

Ensinar nos dias atuais, não é transferir conhecimentos, como preconiza Paulo Freire em seus escritos<sup>5</sup>, mas proporcionar condições de construí-los junto aos alunos. A sociedade vigente mudou o perfil do aluno também. Muitas transformações ocorreram, porém, não se aceita ser intransigente de continuar a utilizar a prática de ensino da forma como aprendi e fui ensinado, somente para não causar trabalho, porque é mais cômodo, entre outras desculpas que encontramos em diversos discursos afora.

Ensinar é buscar algo novo a cada dia, auto avaliar a prática enquanto professor (a), inovar a cada dia, ouvir as vozes da educação que busca caminhos diversificados e coerentes com o contexto, trazer conteúdos significativos para os alunos. É alimentar-se com a teoria, mas não descolada da prática que a rege, é tomar novo rumo na aventura do

---

<sup>4</sup> Veremos adiante a crítica à CONCEPÇÃO BANCÁRIA de educação feita por Freire, apenas tendo o aluno como depósito de informações, que não pensa, não age, não discute, não reflete, apenas recebe os conteúdos e informações preestabelecidas pelos programas e sistemas de ensino.

<sup>5</sup> Para enfatizar a discussão ver: Pedagogia da Autonomia, Pedagogia do Oprimido, entre outras obras de Freire.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

conhecimento, no ensino aprendizagem, trocando experiências, buscando a amplitude dos saberes<sup>6</sup>, aprofundando as discussões, assumindo uma postura de educador contemporâneo, que não sabe tudo, mas que está em constante movimento de aprendizado, de busca.

## **2 – Por Uma Pedagogia Histórico-Crítica: As concepções de Saviani para o ensino crítico e transformador.**

Ao iniciar as discussões na obra, Saviani procura definir a natureza e as especificidades da educação, com o intuito de versar uma explanação sobre o trabalho, onde o define como o aspecto que diferencia o homem dos outros animais, sendo uma atividade intencional. Ainda estabelece uma relação entre educação e trabalho ao afirmar que dizer que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo do trabalho, bem como é, ela própria um processo de trabalho.

Para definir a natureza da educação, o autor faz uma distinção entre trabalho material que é definido como a produção de bens materiais em escalas amplas e complexas, visando garantir sua subsistência, e trabalho não material, que trata – se da

produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades que antecedem mentalmente a ação do homem.

Ao fazer essa distinção, esclarece que a educação pertence à categoria do trabalho não material. Sendo que a categoria do trabalho não material se divide em duas modalidades: a modalidade que se refere às atividades em que o produto se separa do produtor, havendo um intervalo entre a produção e o consumo e outra modalidade referente às atividades em que o produto não se separa da produção. Nesse sentido Saviani (2012, p. 12) apresenta a argumentação:

Se a educação não se reduz ao ensino, entretanto, que ensino é educação e, como tal, participa da natureza própria do fenômeno educativo. Assim, a atividade de ensino, aula, por exemplo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do aluno. Ou seja, o ato de dar aula é inseparável da produção de desse ato e de seu consumo. A aula é, pois produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelos alunos).

Para Saviani, é nessa modalidade de trabalho não material que se situa a educação. Esta se relaciona à produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades que são necessários para a produção do próprio homem por meio do trabalho educativo, que é definido pelo autor como “o ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular,

---

<sup>6</sup> Ver Saberes Docente e Formação Profissional, TARDIF, 2002.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens” (2012, p. 13).

O trabalho educativo se constitui em dois aspectos: a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. O primeiro aspecto refere – se há habilidade de distinguir entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório, no momento da seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico. O segundo aspecto trata – se da organização dos meios (conteúdo, espaço, tempo e procedimentos) que garanta a cada indivíduo a construção da sua segunda natureza. Por se tratar de uma ação intencional, o trabalho educativo necessita de um espaço que legitime essa intencionalidade, daí a importância da institucionalização da educação como uma forma de garantir a cada indivíduo a produção dos saberes necessários a formação de sua condição humana, nascendo assim à escola.

A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. A escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado, e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não a cultura popular.

Finalmente, a escola tem a ver com a ciência que é exatamente o saber metódico, sistematizado. A escola existe para proporcionar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado às novas gerações.

O currículo da escola elementar deve ser estruturado a partir do saber sistematizado, do saber erudito, do saber letrado. Assim, ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais devem ser o conteúdo fundamental da escola elementar. A escola vem se perdendo na execução do seu papel por vários motivos, um desses diz respeito à concepção de currículo que vem sendo divulgada de uns tempos para cá.

De acordo com essa concepção, currículo é entendido como o conjunto das atividades desenvolvidas pela escola, é tudo o que a escola faz. Para Saviani essa concepção abre caminho para tergiversações, inversões e confusões que descaracterizam o trabalho escolar. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. Não se deve temer o clássico na escola, uma vez que, o clássico na escola é a transmissão – assimilação do saber sistematizado, e este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

organização do conjunto das atividades da escola, isto é do currículo.

Vê-se, assim, que para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação. Isso implica dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio. Saviani explica que é papel da escola determinar os métodos e processos de ensino-aprendizagem para possibilitar o domínio do saber sistematizado a todos e nesse aspecto ele chama a atenção para o fato de que, ao contrário do que pregava a escola nova, o automatismo (repetição) é instrumento essencial para o aluno desenvolver a segurança que contribuirá para que o mesmo possa dominar determinados saberes.

A guisa de conclusão, Saviani reforça que para que a aprendizagem aconteça de fato é necessário que a escola possibilite ao aluno o desenvolvimento do *hábitus*, ou seja, de uma disposição permanente para aprender, para produzir saberes. Ele destaca que: “Adquirir um *habitus* significa criar uma situação irreversível. Para isso, porém, é preciso ter insistência e persistência; faz-se mister repetir muitas vezes determinados atos até que eles se fixem” (SAVIANI, 2005, p. 19).

Assim, o objeto da educação refere-se a transmitir os conteúdos clássicos (elementos culturais fundamentais ao processo de humanização) e adequar o ensino às melhores formas de se efetuar essa transmissão-assimilação. Entenda-se por conteúdos clássicos, os conhecimentos que a escola deve garantir aos alunos para que estes possam compreender a relação de exploração a que estão submetidos.

Saviani explicita também que, o compromisso político e a competência técnica estão imbricados visto que, a escola está repleta de aspectos políticos. E por essa razão se reproduziu a incompetência técnica dos professores como forma de controlar o acesso ao saber das classes trabalhadoras, dificultando assim a transformação social. É também pela mediação da competência técnica que se chega ao compromisso político efetivo, concreto, prático, real.

Propõe ainda, uma nova interpretação para a capacitação dos professores que deve seguir uma linha política, uma nova interpretação da impotência dos professores e sugere nova interpretação na vontade que o professor manifesta em querer fazer algo na escola. Uma nova vontade política com a socialização da crítica à competência pedagógica advinda de concepções elitistas, bem como elaborar novas técnicas e metodologias de ensino para os professores.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Este se preocupa destacando “Vejo na capacitação profissional o ponto crítico a partir do qual imprimir um caráter político à prática docente para esse professor?” (ibidem, p. 33).

Saviani faz uma diferença da Pedagogia histórico-crítica, da visão crítico-reprodutivista, uma vez que ela articula e orienta uma ação pedagógica crítica sem ser reprodutivista. Ainda faz um histórico da visão crítica-reprodutivista, o qual surgiu a partir das consequências do movimento de maio de 1968, a chamada revolução cultural dos jovens, na França e que se espalhou por diversos países, inclusive no Brasil.

Ainda, argumenta que não parece ser por acaso que as teorias dos aparelhos ideológicos do estado, de Althusser, e a teoria da reprodução (teoria da violência simbólica), de Bourdieu e Passeron e a teoria da escola capitalista de Baudelot e Establet, tenham surgido após esse movimento.

Faz uma análise de que a teoria crítico-reprodutivista não oferece respostas de como ser um professor, que ao agir, desenvolva uma prática de caráter crítico, se o mesmo desenvolve uma prática pedagógica que reproduz as relações de produção da sociedade o qual está inserido. Diante deste fato, ele argumenta que a saída, é uma proposta que supere a visão crítico-reprodutivista. Assim, buscou o embasamento

em textos como os de Paulo Freire, Baudelot e Establet. Ainda, faz uma análise de que nessa obra, a educação escolar é unicamente um instrumento da burguesia na luta contra o proletariado, considerando a escola apenas como reprodutora das relações sociais. De forma, que fincou seu estudo na obra de Paulo Freire, por se tratar de uma visão dialética da educação.

Ao pensar na denominação da obra, A Pedagogia Histórico-crítica, este termo poderia ser sinônimo de Dialética, porém, para evitar diferentes interpretações da terminologia, Saviani prefere a nomenclatura “Histórico-Crítica”. Para ele:

Há correntes, por exemplo, próximas a fenomenologia, que utilizam a palavra dialética como sinônimo de dialógico, ou seja, referente ao diálogo, à troca de ideias, à contraposição de opiniões, e não propriamente como teoria do movimento da realidade, isto é, teoria que busca captar o movimento objetivo do processo histórico (SAVIANI, 2012, p. 75).

Esclarece que o nome de pedagogia histórico-crítica foi atribuído devido reter o caráter crítico de articulação com as condicionantes sociais que a visão reprodutivista possui, vinculando, porém, a dimensão histórica que o reprodutivismo perde de vista. Nesse sentido o autor apresenta dois aspectos entre a Pedagogia



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Histórico-Crítica e a realidade escolar: a intimidade entre a concepção e as necessidades dos educadores e a relação entre a teoria e o desenvolvimento histórico da humanidade.

Marx quando analisa a produção material distingue duas modalidades: aquela que o produto se separa do produtor e aquela que o produto não se separa do produtor. Tomemos como exemplo os livros, os discos, uma consulta médica, etc. as ideias, as músicas e o saber envolvido para a realização da consulta são resultados imateriais, e a parte física do livro, do disco e as ferramentas que auxiliam na compreensão das doenças são a parte material. Essas condições materiais configuram nos fundamentos da pedagogia histórico-crítica<sup>7</sup>.

Nesse sentido, para ele, a falta de um sistema de educação no Brasil dificulta o avanço da teoria, pois não podemos colocá-la em prática para provar sua veracidade e validade quanto ao que se propõe. Ao tratar da materialidade da ação pedagógica e os desafios para implantação da Pedagogia nas escolas, destaca que não significa negar o caráter não material do trabalho educativo. Depois, ao formularmos as teorias nem sempre atentamos para a necessidade de mudar esse sistema em virtude de outra teoria.

---

<sup>7</sup> Saviani (2012, p. 91) vai destacar com mais profundidade essa questão da materialidade.

O terceiro problema para a materialização é o da descontinuidade. A atividade educacional exige um trabalho que dure tempo suficiente para provocar um resultado irreversível. Para Saviani:

Penso que o grande desafio vem das condições objetivas de funcionamento da educação no Brasil, condições essas por mim denominadas de “materialidade da ação educativa” no âmbito da qual destaquei três aspectos, a saber: ausência de um sistema nacional de educação, a questão organizacional e o problema da descontinuidade” (2012, p. 109).

Quanto às bases teóricas da pedagogia histórico-crítica, é obvio que a contribuição de Marx é fundamental. Quando se pensam os fundamentos teóricos, observa-se que, de um lado, está à questão dialética, essa relação do movimento e das transformações; e, de outro, que não se trata de uma dialética idealista, uma dialética entre os conceitos, mas de uma dialética do movimento real.

Portanto, trata-se de uma dialética histórica expressa no materialismo histórico, que é justamente a concepção que procura compreender e explicar o todo desse processo, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo. Com efeito, apenas com a contribuição de Marx não se



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

evidenciaria e não se viabilizaria a formulação da teoria que está sendo proposta.

Saviani lamenta que os nossos alunos de pedagogia, de modo especial a partir dos anos 1970, não conheçam os clássicos da história pedagógica como, por exemplo, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Paulo Freire. Finalmente, como fontes específicas da pedagogia histórico-crítica, cabem considerar também os autores que procuraram abordar os problemas pedagógicos a partir das matrizes teóricas do materialismo histórico, representadas, basicamente, por Marx e Gramsci, entre outros.

### **3 – As contribuições da Pedagogia Histórico-crítica e seu método de cunho pedagógico para o Ensino.**

As concepções inerentes à essência da pedagogia Histórico Crítica envolve a necessidade de compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, aborda uma proposta de cunho pedagógico que mantém como compromisso maior, a transformação da sociedade. Materializar essa ação educativa, embasada nessa pedagogia torna-se um enorme desafio dentro do contexto escolar abordado por Saviani, desatacando os aspectos: ausência de um sistema nacional de educação, a questão

organizacional e o problema da descontinuidade.

No que se refere ao ensino, além de fazer com que a escola avance no ato educativo abordando aspectos investigativos, críticos, de análise social da realidade, o autor nos oferece uma Pedagogia a ser trabalhada em todos os níveis de ensino, seguindo passos a realizar em sala de aula. Esta teoria aborda tanto o trabalho com aulas das diversificadas disciplinas, quanto o trabalho com projetos didáticos.

O trabalho educativo dos professores deve embasar-se num método pedagógico por ele descrito, perpassando em cinco fases<sup>8</sup>: Prática social inicial dos conteúdos, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social final, onde os professores irão seguir passos construindo com a turma de alunos as discussões, os elementos, a criticidade, através das atividades desenvolvidas. Para isso efetivar-se é válido salientar que dependerá de esforços de toda comunidade escolar, professores, alunos, coordenadores, direção em adotar e abordar o planejamento de forma criteriosa das atividades planejadas.

---

<sup>8</sup> Para maiores discussões e aprofundamento, consultar (GASPARIN, 2005) em: Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica que descreve minuciosamente os passos do método de ensino, além de apresentar atividades desenvolvidas diretamente em sala de aula.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Sabe-se não ser nada fácil, porém não impossível de ser trabalhada nas propostas metodológicas dos professores no dia a dia de sala de aula, abordando uma pedagogia em que o aluno estará construindo seus conhecimentos, ao mesmo tempo, desvelando conceitos, estruturas até então subentendidas e/ou presentes nas entrelinhas. Portanto, para que haja o devido trabalho com o método é preciso, acima de tudo, a vontade política dos professores para aprender, estudar, formar-se continuamente e aplicar os conceitos em sala de aula, avançando nessas cinco fases que passo a descrever.

Na primeira fase da aula, Prática social inicial dos conteúdos, o professor irá discutir com os alunos diante de determinado tema escolhido para o ensino, algumas questões de ordem prévias, para relacionar os conceitos prévios que os alunos detêm e inseri-los na discussão que é pertinente para os mesmos. Há de ser feito previamente algumas questões a serem levantadas nas discussões juntamente aos alunos, bem como surgirem algumas delas no momento da conversa inicial. Este é o momento em que o professor desperta o interesse dos alunos e insere-os na temática, convocando-os a participarem até o fim das discussões e do desenvolvimento das atividades estabelecidas.

Feito isso, passa-se para a fase da problematização, o momento de

problematizar, questionar, elencar, que se torna fundamental para o processo do trabalho docente-discente. Para Gasparin (2005, p. 35) “é um elemento-chave na transição entre a prática e a teoria, isto é, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada. É o momento em que se inicia o trabalho com o conteúdo sistematizado”. É nessa problematização que se levantarão situações problemas para que estimulem o raciocínio dos educandos, bem como a predisposição dos mesmos em buscar o interesse pela solução do que vai ser investigado.

A terceira fase e/ou momento do trabalho nessa perspectiva traz a instrumentalização como fonte da atividade a ser desenvolvida. Nela, o professor fornece meios e/ou instrumentos para que a construção do conhecimento científico de fato aconteça.

De acordo com Saviani (1999, p. 81)<sup>9</sup>, essa fase consiste na aquisição dos “instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social”. Nessa fase do método o professor seleciona os meios para que propicie ao aluno o contato direto com o conhecimento a ser pesquisado, discutido, aprendido, podendo utilizar uma infinidade de

---

<sup>9</sup> Saviani aconselha que façamos a leitura prévia do seu Livro Escola e Democracia, para que possamos nos apropriar com mais profundidade no trabalho com o método da Pedagogia Histórico Crítica.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

instrumentos para que isto se efetive na prática.

Após a instrumentalização, chega à etapa da Catarse, em que o professor ou professora observa os conceitos adquiridos pelos alunos, do que ele se apropriou em relação ao conhecimento, significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele faz do conteúdo aprendido recentemente.

Com essa fase, o professor, consegue detectar de fato, os conceitos, conhecimentos, sínteses, entre outros aspectos cognitivos que fazem daqui em diante, parte do seu repertório intelectual, diante do tema trabalhado naquela aula. É nessa fase que consegue detectar realmente o que o aluno aprendeu através de sua prática de ensino e metodologias utilizadas ao longo do processo até então descrito.

No processo pedagógico da Pedagogia Histórico-Crítica o ponto de chegada refere-se ao retorno à Prática Social, onde visa levar o aluno colocar em prática os conhecimentos, habilidades e atitudes apreendidos no processo de ensino. Conforme Saviani, a prática social inicial e final, são fundamentais, para iniciar e concluir o processo em que o aluno deve sempre visar os conteúdos trabalhados que tenham retorno ao seu desenvolvimento social.

De acordo com (SAVIANI, 1999, p. 85) é “transformar as relações de produção

que impedem a construção de uma sociedade igualitária”. Portanto, essa Pedagogia visa decididamente colocar a educação a serviço da transformação das relações de produção.

No entanto, sabe-se não ser possível uma transformação social de maneira individual pelo aluno. Este, portanto deve sentir-se desafiado pelos professores que atuam com essa perspectiva para que possam por em prática, os conceitos, conhecimentos adquiridos ao longo da escolaridade, adotando uma postura política, consciente, crítica, participativa e cidadã. Do contrário, estará apenas reproduzindo o que apregoa as práticas tradicionais, escolanovistas e tecnicistas: não ir além do espaço de sala de aula, e manter a conservação da sociedade no seu *status quo*.

## CONCLUSÕES

O sistema educacional brasileiro apresenta enormes falhas na sua estruturação e na teorização, haja vista a vasta maioria das propostas educacionais advém de teóricos estrangeiros, onde temos que adotar o trabalho embasados nos mesmo, devido à carência de teóricos consistentes na área educacional.

Há um emaranhado de teorias, autores, textos e de estudos, porém, aplicados em situações isoladas, fragmentadas e sem a perspectiva de continuar trabalhando por vários anos. As políticas educacionais viram



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

assim, puro modismo, em que vem e vão sem muitos resultados significativos e de grande impacto na qualidade do ensino e aprendizagem.

O ensino como uma prática pedagógica proporciona nos educandos uma nova visão de escola, de professor, de aluno, de conhecimento, traduzindo na prática novas possibilidades de trabalhar, onde cada um assume seu papel de forma consciente e construtiva. Não é o ensino bancário, onde o aluno era depósito de informações advindas da escola e do professor, mas um ensino em que o aluno seja protagonista, ator principal na construção desse aprendizado, aprendendo algo que lhes seja significativo, de valor, que lhes sirva para atuar na sociedade do conhecimento em diversos momentos.

Essa atividade pedagógica deve fazer-se constante na prática dos professores para que o ensino aprendizagem seja construído, traduza-se em prazer para os alunos, e não continue apenas perpetuando o que a escola fez ao longo de sua história, carregadas de subjetividades nas suas práticas de ensino, servindo nas entrelinhas ao sistema social vigente, sem perguntar-lhes ou questionar-lhes se isso seria benéfico ou maléfico para seu público principal, os alunos. Enfim, ensinar é traçar novos rumos, propor novos caminhos e acima de tudo, ajudar os alunos a construírem sua autonomia intelectual.

Para isso, é dever dos professores aprofundar e buscar o trabalho cotidiano que visa uma educação transformadora, embasando-se no que fora discutido na Pedagogia Histórico-crítica, dando nova roupagem ao ensino.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Teoria do conhecimento e epistemologia**. Barueri, SP: Minha Editora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005, (Coleção educação contemporânea).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. ed. Campinas – SP: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2005

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.